



# ROSALÍA DE CASTRO E EMILIA PARDO BAZÁN NO CAMPO CULTURAL GALEGUISTA NA GALIZA DOS PRIMEIROS SETENTA

**Cristina Loureiro Rodríguez**

Grupo GALABRA

Universidade de Santiago de Compostela

A presente comunicación pretende analizar o papel desenvolvido polas escritoras Rosalía de Castro e Emilia Pardo Bazán no proceso de construción do protossistema literario galego nos últimos anos do franquismo.

Como campo en construción, os actantes dos diferentes grupos e institucións intervinientes van encontrar-se con défices<sup>1</sup> (Torres Feijó 2002) na súa configuración e definición, e para cujo preenchimento ponhem en funcionamento diversas estratexias entre as que destaca o recurso legitimador à Tradição.

Já nos anos setenta se están a producir mudançás de relevo na configuración do campo cultural. Aumenta o número de escritores, revistas, editoras, grupos de intelectuais, etc., dando lugar a unha diversificación repertorial que já começa a ser legítima para algúns grupos. Esta diversificación surge directamente vinculada à perspectiva dumha iminente mudançá político-cultural motivada pela morte do dictador. E cada grupo está elaborando ou tentando pôr em prática as súas propostas. Ademais, esses anos presentan já diferentes conceptualizacións de cómo levar ao cabo o por moitos grupos apregoado salvamento da língua galega e qual a finalidade do mesmo, desde a impugnación de posicións e funcións do castelhana e consolidación o galego como única língua da Galiza na construción dum campo cultural autosuficiente (nalgúns casos com o objectivo de homologá-la a unha almejada entidade política independente) até ao mantimento no espaço galego tanto da

---

<sup>1</sup> Torres Feijó (2000: 975 ss) denomina *défice projectivo* é definido a unha “carência sistémica em protossistemas que nom permitem unha aplicación plena e sistemática dalgumha das normas sistémicas que defende, mais que forma parte programática do grupo impulsor ou promotor do protossistema e dos seus objectivos finais, normalmente afectando às súas normas sistémicas, que passam a ser normas de repertório.” Polo que diz respeito às normas sistémicas, define-as como “normas que delimitam e fixam os produtos dum sistema como próprios dum sistema.”

língua oficial do estado como da vernácula, aqui tamém atendendo a diferentes propósitos, como veremos a seguir.

Na aludida construçom sistémica, quanto ao uso e funçom da língua, desde já convém fixar duas vias, a que se adscrevem grupos mui heterogéneos:

**Tendência subsistémica:** que dá cabida perfeitamente à figura de Emilia Pardo Bazán, quer dizer, contempla a possibilidade da escrita em galego mas aceita tamém sob a etiqueta de “literatura galega” os textos produzidos na língua oficial do Estado. Entre estes encontramos aqueles que costumam recolher dentro do seu repertório materiais reconhecíveis como genuinamente galegos pola comunidade, bem pola temática (de preferência de tom ruralista, folclórico e todo o que se relacionar com os considerados valores “essenciais do povo”) bem pola origine geográfica do autor (o facto de ter nascido ou morado na Galiza com independência do sistema em que participam). Para estes a língua nom é um elemento central, trataria-se em todo o caso de umha norma de repertório (um elemento que lhe confere um carácter mais galego ao que de facto já é galego), polo tanto, nom se trata de norma sistémica (Torres Feijó 2002).

A defesa da orientaçom subsistémica caracteriza-se por nom impugnar a posiçom dominante, central do sistema literário espanhol dentro do espaço galego, nom luta contra el, nom persegue desvia-lo da sua posiçom dominadora; luta por ocupar, de facto, um lugar dentro do sistema oficial, tirando ademais proveito da sua estabilidade, com carácter subsistémico. Em muitos casos, estes agentes assumem como legítimo o uso do galego no tratamento de determinados assuntos e na utilizaçom de determinados modelos literários, considerando ilegítimos outras selecçons repertoriais usando o galergo (no primeiro caso a poesia ou as anedotas; no segundo a ciência ou o uso religioso, por exemplo)

**Tendência protossistémica:** a língua é norma sistémica, rejeitando-se a produçom em castelhano como própria. A opçom protossistémica assenta por sua vez nos princípios opostos à primeira: a prática bilingue representa para eles a aceitaçom dumha posiçom dominada dentro do espaço que eles pretendem ocupar. Verificam-se entom uma série de tensons que derivam dos intentos de passar a ocupar umha posiçom central dentro do espaço cultural que lhes é próprio. Da óptica da existência de dous sistemas a se desenvolver dentro dum mesmo espaço, isto provoca fortes tensons que o agredido trata abertamente mas que o agressor evita (nunca se vendo na necessidade de ter que justificar a sua posiçom). Entre estes sectores podemos diferenciar

1. esquerda comunista nom nacionalista (na órbita do PC): a sua tentativa é chegar ao povo, ao proletariado polo que lhes interessa comunicar-se na sua mesma língua e defendem o uso do galego em todos os ámbitos, mas numha concepçom federal do estado.
2. esquerda nacionalista (em casos, na órbita do PSG e, sobretudo, da UPG): define o Estado espanhol como Estado Imperialista a ocupar Galiza, que adquire conseqüentemente o status de colónia, polo que o espanhol é o idioma doutro país. O seu programa está centrado na autodeterminaçom

- e/ou um estado independente nom contempla ter como possibilidade a utilização dumha língua símbolo do dominador.
3. o grupo Galaxia, com sectores democristãos e socialistas: pratica umha postura de defesa da língua mediante a fabricação de estruturas culturais; trata-se dumha estratégia elitista que tem a sua base numha concepção essencialista e universalista da língua. A sua produção tem como objectivo prestigiar o idioma, universalizá-lo. Para que esta universalidade se poda verificar trata-se de estabelecer homologias com sistemas plenamente autónomos e consolidados, nomeadamente o espanhol, com a prática de traduções (inclusive antes que para o castelhano), recensões de livros, notas de actualidade e estudos sobre sistemas literários estrangeiros. Assumem-se como herdeiros directos do grupo Nós. O galego ostentaria a nível mundial o mesmo status que o castelhano e consolidaria-se como única língua da Galiza.

## **Emilia Pardo Bazán nos primeiros setenta<sup>2</sup>**

Pardo Bazán, com um alto capital simbólico como escritora, crítica, etc. é considerada polos agentes regionalistas como um modelo de prestígio: é galega de origem, apesar de produzir em e para o sistema em espanhol. É recolhida por estes sectores como elemento prestigiante e instaura-se como paradigma, exemplo das possibilidades de sucesso como produtora galega pola sua origem. Representa a possibilidade de convivência dos dous sistemas, implicando o triunfo no sistema dominante seguindo as suas normas.

Este é o caso de instituições como a Real Academia Gallega (RAG) e o Instituto Padre Sarmiento, que acolhem ao longo destes anos vários artigos de crítica literária sobre a autora, a sua primeira presidenta de honra, sem questionar a sua pertença ou nome ao sistema, e priorizando temáticas referidas à Galiza.

Neste ano, a RAG assina a mudança de sede para a Casa desta autora, cedida pola família, com a condição de reservar um espaço para o museu da Condessa. Existem numerosas notas de imprensa ao respeito que retomam a figura de Pardo Bazán, vinculado-a muitas vezes à tríade de mulheres galegas do XIX (junto a Rosalía e Concepción Arenal) e sem polemizar nunca sobre o facto de que se instaure esta instituição na casa de umha escritora em espanhol que na altura nom reconhecia ao galego autonomia plena para tratar literariamente qualquer tema.

Assi como na esfera da esquerda nacionalista, Pardo Bazán é simples-

---

<sup>2</sup> Tanto para o caso de Pardo Bazán como para o de Rosalía de Castro vamos apenas tomar como corpus as publicações da época. Além destes elementos de discurso convém ter em conta a canonização de autores e obras mediante honras florais, estátuas, placas, prémios com o seu nome, etc. Por exemplo, citemos para o caso de Rosalía a promoção por parte de agentes galeguistas da denominada “Missa de Rosalía”, único acto oficial público em galego sob o franquismo, e ao que acodem representantes do poder oficial. Porém devido ao seu significado emblemático por celebrar-se o 25 de Julho, é escolhido pola UPG em 1968 como momento e lugar para a difusão dos seus manifestos, facto repressaliado polo poder e que tem como resultado relevante a detenção em 1969, de Xaime Isla Couto, um dos fundadores de Galaxia.

De resto, e já dentro da produção editorial, nom devemos esquecer outras modalidades de aparição nas que se implica um autor. No caso de Rosalía, devido ao seu poder simbólico som mui frequentes as referências à autora em todo o tipo de discursos, em muitos casos com a intencionalidade de conferir galegidade ao texto. O uso das suas palavras como paratexto e o funcionamento da sua figura como elemento de repertório temático esta mui estendido nesta estapa, som múltiplos os poemas nos que se invoca à autora. Ademais recolhem-se partes da sua obra em antologias, livros de texto, etc.

mente ignorada (focá-la podería mesmo ser perspectivado como a colocaçom dumha questom que para este sector está fora de qualquer dúvida), essa é a mesma atitude da esquerda estatalista, o que nom obvia algum pronunciamento, de passage, a revelar umha posiçom de reacçom nom já por motivos lingüísticos mas polas suas tomads de posiçom ideológicas: Pardo Bazán é umha representante do grupo dos privilegiados, da aristocracia, que nom apoiou e desprezou aos seus pares no Ressurdimento. Assi, no prólogo ao *Divino Sainete* de Curros, afirma o professor de liceu e importante activista cultural vinculado ao PCG, Xesús Alonso Montero:

d) Canto III

Xa no segundo vagón, o da Envexa, Curros escoita como Emilia Pardo Bazán ridiculiza e minimiza o noso renacer literario do XIX, bulra da que non se salva nin a “Choromiqueira” Rosalía de Castro.

(...) A Pardo Bazán é eiquí portavoz de tódolos que dentro do país están contra as nosas reivindicacións culturais.

(...)

(...) A Condessa aparece na primeira parte do canto non soio pola xenreira persoal que lle ten Curros, senón como un bo pretexto pra poñer no pelouriño ós detractores do rexurdir literario galego. (Curros 1969: 10-11)<sup>3</sup>

A presenza de Pardo Bazán reactiva-se em 1972 ( o cinqüentenário da sua morte em 1971 nom parece ter significado na Galiza um impulso decisivo), no que a RAG dedica o Dia das Letras a Lamas Carvajal, a quem como crítica atendera elogiosamente e defendera como protótipo do seu conceito de literatura galega. Mas há importantes matizes. Numha escolma de poesias de Lamas publicada pola RAG o crítico literário e profesor universitário Carballo Calero, pertencente ao sector académico ligado ao projecto Galaxia, aproveita para salientar a consideraçom da condessa sobre a escrita literária em língua galega:

(...) Lamas era verdadeiramente —coa imperfeición do real— o poeta ideal da talentuda novelista. Doutrinalmente, ésta admitía o cultivo do galego como unha sentimental e pintoresquista manifestación de apego ás tradicións rurais. Passar estes límites, como fixo Rosalía en *Follas Novas*, era aberración ou incongruencia. Para a Condessa, a poesía galega ideal era a poesía rústica, obra dun poeta rústico que falara no verso xunguindo as rimas como o labrego fala no sulco xunguindo os bois.(Lamas 1972: 66)

Em *Lembranzas a D. Valentín Lamas Carvajal* Carballo dedica-lhe um capítulo exclusivo para fazer fincapé no peso da escritora na educaçom literária do homenageado.

O mesmo crítico, em 1975, reafirmará a sua aceitaçom da Condessa no campo literário galego, mas nom como escritora (já que só considera escritores galegos aqueles que escrevem em galego) senom como crítica. Dedicá-lhe na reediçom da *Historia da literatura* um importante espaço no apartado de

<sup>3</sup> Quiçá neste sentido seja útil observar o artigo publicado en *Grial* por Víctor Fuentes, emigrante nos Estados Unidos, e que escreve dumha perspectiva marxista: a hipótese que trata de verificar é até que ponto Pardo Bazán é fiel à realidade en *La Tribuna* e coloca-a na sua posiçom social frente à classe proletária:

“la ideología política de la escritora, tan contraria al republicanismo, empaña la objetividad de la descripción ambiental” (Fuentes 71: 93).

“Historiografía”, onde ora critica ora louva as súas diferentes tomadas de posición, e a ela recorre ao longo da referenciando a súa actividade cultural na Galiza.

Ainda que a plataforma cultural Galaxia e a súa revista *Grial* defendem o galego como lingua universal e reagem contra as tomadas de posición regionalistas, nom gozam de suficiente capacidade para impor como legítimos os seus principios, por que nom se podem permitir renunciar a publicar certos libros ou artigos. A súa aposta culturalista passa por nom polemizar em excesso com pontos de vista contrários legitimados desde o campo do poder. Dentro deste grupo de artigos situa-se “Vinculación literaria de dos escritores gallegos en castellano: Doña Emilia Pardo Bazán e Don Ramón del Valle-Inclán” de Jaime Ferreiro Alemparte no que se descarta abertamente a lingua como norma sistémica:

Con el título que delimita el tema de estas indagaciones hemos querido destacar ante todo una constante que nos parece esencialísima de estos dos escritores, y que es por excelencia la que los hace acreedores a ser considerados como poetas gallegos en su sentido más profundo y genuino, aunque no se hayan expresado en gallego. Esa constante viene dada por el paisaje que alumbró su existencia y por la oriundez de las vivencias que configuraron su mundo y su respuesta personal literariamente plasmada. Son en esta dimensión “Heimatkichter”, poetas de la patria, de la tierra natal. Pues la lengua en cuanto tal, es decir, como mero vehículo de comunicación, no es un factor esencial para incluir o excluir a un poeta marco de su patria, en este caso de la patria gallega. (Ferreiro 1971: 410)

No veo, pues, contradicción al hablar de una literatura gallega, vasca o catalana en español. La comunidad de la lengua no es equivalente a la comunidad nacional. (Ferreiro 1971: 411).

Tamém reforça a súa posición com o recurso à obra de “la divina Rosalía”, “la que mejor encarnó el alma lírica de su pueblo”, que “escribió en español su último libro de versos: *En la orillas del Sar.*” (Ferreiro 1971: 411)

## **Rosalía de Castro nos primeiros anos setenta**

Rosalía é já nos anos finais do franquismo um símbolo consolidado e assi o denominam os diferentes agentes em publicações e actos. O seu poder simbólico é tam grande que já nom oferece a possibilidade de negação, nem sequer polo poder estabelecido.

A actividade dos diferentes agentes culturais a respeito da figura rosaliana vai encaminhar-se, conseqüentemente, para pôr de relevo aquelas características do símbolo que obram em favor dos seus interesses ou em realizar umha maior e melhor defesa pública da súa figura para aumentar o grau de legitimidade das suas actuações.

Em 1963 a Ditadura consente à RAG a instauração da celebração do Día das Letras Galegas o 17 de Maio, coincidindo com o centenário da saída do prelo de *Cantares Gallegos*. A escolha anual por parte da Academia dum



escritor para ser homenageado e os actos e publicações da sua celebração instituirám-se como umha importante plataforma canonizadora, vulgarizando umha Rosalía espelho dos tópicos de definição da regiom galega mas sem a excluir do sistema literário espanhol. É por isso que aceitam tanto a sua produção em galego como em castelhano e privilegiam as composiões em que predomina a descrição da paisage galega, da tradição popular, a morrinha, o lirismo do ser galego.

Em oposião, o sector culturalista, mais nom só, dentro da sua preten-som de levar a cultura galega ao panorama internacional, vai projectar umha imagem universal da escritora, facto que se vai reflectir na procura dumha crítica literária científica que estabelea pontes entre autores e correntes literárias consagradas como o romantismo, saudosismo, etc.

A vulgarizaão da obra rosaliana vai jogar, pois, um papel de primeira importância para a veiculaão dos objectivos pretendidos, particularmente no grupo vinculado a Galaxia. Em 1970 reeditam a edição de 1963 de *Cantares Gallegos*, com o prólogo de Fermín Bouza Brey e posterior reprodução da edição príncipe. Acrescenta ao final primeiro os poemas que foram achegados na segunda edição e depois os que se sumárom na terceira e sucessivas, separados mas seguindo a enumeração, com advertência disto ao leitor (Castro 1970: 21)

Para a apresentação da obra e da sua autora parte de palavras de Carballo Calero em que a caracteriza como “aldeá”, identificada totalmente com as aldeás, representante da voz artística do povo que, partindo dumha base folclórica, soubo-a trabalhar com sentimento, elegância e nobreza espiritual e combinar elementos da tradição culta com estilo e imaginaria tradicional. Julga a sua obra primeiro ponto de renascimento da literatura galega e coloca-a dentro à par do conjunto canonizado universal (Castro 1970:7), insistindo em marcar diferenças entre “O ergueito numen” da poeta de Padrom e Antonio de Trueba, a quem ela reconhecera como modelo (Castro 1970:9-10).

Em linha de popularização, a colecção o Moucho da Castrelos publica tamém neste ano *Contos* do pobo onde desenha umha figura rosaliana melancólica e de protesto, riseira e com humor nos seus escritos populares. Igualmente, em 1971 sai a segunda edição de *Follas Novas* na colecão Pombal da mesma editora (a primeira é de 1968 e haverá uma terceira em 1972). Na lapela apresenta-se-nos a autora como profeta do povo, lendo na obra “trascendente intimidade de Rosalía, cuja voz precursora sigue hoxe, pasado cuasi un século, resoando sobre os límites anterigos de unha Terra” (Castro 1971b: lapela). Na “Nota dos editores” especifica-se a preten-som de dirigir-se a um leitor meio, justificando-se as mudanças ortográficas e reinterpretaciões que se realizam, como acontecia na edição de Bouza, o que mostra umha importante açom de vulgarizaão na altura por parte de variados agentes galeguistas<sup>4</sup>.

Neste mesmo 1971, Carballo Calero publica *Sobre a lingua e a literatura galega* dedicando umha parte a Rosalía. Insere-a no contexto ibérico estabelecendo pontes de influéncia com Trueba e Camões e privilegiando a comparaão com Portugal. Estuda tamém a sua conceptualizaão filosófica,

<sup>4</sup> Pontualiza-se tamém que esta edição inclui, por primeira vez, o poema longo “Unha boda na aldeia”, redescoberto por Filgueira Valverde, explicando que fazia parte dele o Canto V, *De Galicia os cemiterios* do livro V, *Da Terra*.

o seu conhecimento da tradición dos lied, as súas escolhas lingüísticas, a súa relación con os poetas contemporáneos, establece unha discusión aberta sobre o grao de intervención de Murguía na súa obra, etc., e referencia-a no quadro europeo en comparación, em ‘Negra Sombra, por exemplo, com, entre outros, Heine, Musset e aqueles de “visionaria dobre personalidade romántica”, (Jean Paul, Hoffmann, Kleist, Arnim, Chamisso, Brentano) mencionados por George Brandès” (Carballo 1971: 26)

Dedica un espazo ao estudo da produción rosaliana en español, facendo fincapé na recepción crítica da súa obra e diferenciando varios períodos atendendo ás análises da crítica, vinculando o primeiro a Espronceda, o segundo a Petöfi, o terceiro a Heine e um quarto a Hölderlin. Igualmente, unha proposta atendendo ao alongamento a respeito do rádio geográfico: 1º. Crítica da área galega: Murguía, Vicenti, Barcia, Pardo Bazán; 2º. Crítica da área peninsular: Díez-Canedo, Azorín, Unamuno; 3º. Crítica de área universal: Bell, Brenan, McClelland.

O alcance desta tarefa cruza as margens da actividade no protossistema literario galego, sem abandonar por isso o intuito comum a esta classe de intervencións. Neste 1971 unha editorial de fora do espazo galego, Salvat Editores e Alianza Editorial, publica unha *Antología* com selección e prólogo de Basilio Losada, professor galego na Universidade de Barcelona. Recolhe textos escritos tanto em galego como em castelano dos libros: *Cantares Gallegos*, *Follas Novas*, *En las orillas del Sar*, “El cadiceño” e “Las literatas”, com tradução ao pé estes últimos, respondendo a unha vontade explícita de promover a lectura do original (Castro 1971a: 27).

No prólogo aparece clara a busca de legitimación nas palabras de produtores do sistema literario español como Valle, Azorín, Blas de Otero, Lorca, J. R. Jiménez, Unamuno, Torrente, etc. De resto, combate a consideración ‘lacrimógena’ da obra rosaliana. Ressalta-se tamén a liberdade de que goza para escribir fóra dos influxos oficiais da corte e o facto conseqüente, o desconhecimento da súa obra por parte dos seus pares.

Como reacción a leituras flocloristas e a legitimacións esencialistas, surge na periferia do protossistema um sector renovador, com clara pragmática política e de contestación a certo culturalismo, de cujos discursos emana unha concepción da escritora padronesa como cultivadora e impulsora da linha social e representación do povo galego por antonomásia. Neste aspecto resultam paradigmáticos os estudos de Alonso Montero. Mas tamén a incipiente tomada de posición de elementos do nacionalismo rupturista, como o caso do artigo publicado polo professor de liceu Francisco Rodríguez, membro da UPG, em 1970 no que define a literatura galega como literatura de compromiso já que

O que resulta incuestionabel é que a peculiar conformación socio-económica e cultural de Galicia enmarca aos seus escritores dentro de certos límites ideolóxicos. (Rodríguez 1970: 458)

Dentro desta vertente social apoiada por grupos de esquerda, os galeguistas nacionalistas outorgarám tamén a Rosalía o valor de mito fundador. O primeiro prémio e Frol natural nos ‘Xogos Frorales’ de Vilagarcía de

Arousa de agosto de 71, ganho por outro membro da UPG, Manuel Maria, reafirma esta visom:

ROSALÍA, VOZ DE GALICIA / Rosalía, nosa, galega e universal,/esprito da Galicia labradora/que, por ti, ten esperanza e ideal,/a verba esencial e salvadora// Ouh Rosalía, galega e delicada,/esprito da Galicia mariñeira/que, por ti, tivo abrente i alborada,/a palabra máis fonda e verdadeira.// Ouh Rosalía, corazón do mundo,/ da Galicia que está na emigración/ a que lle deche o teu amor profundo;/ o teu amor de irmá, feito canción.// Ouh Rosalía, esprito desta terra /esencia ,luz, palabra de Galicia:/ ¡voz que agarima, arrola, brúa, berra/ contra da sinrazón e da inxustiza! (Manuel María 1971:49)

Mesmo começa a surgir já neste momento umha linha, nacionalista, que coloca Rosalía como protótipo de mulher feminista. É, por exemplo, o postulado pola galega na altura em Londres Teresa Barro:

Rosalía era unha muller galega e, como tal, feminista e a igual do home, con ese esprito que chaman varonil pro que existe por igual en ambos sexos. Rosalía era rebelde, violenta e apaixonada, como somentes pode selo un poeta devorado pola sede de xusticia. (Barro 1972: 330)

Numha direcçom matizadamente diferente, no ano 1972 Alonso Montero publica em Júcar *Rosalía de Castro*, estudo da autora que apresenta umha escolma da sua poesia com traduçom para castelhano em nota de rodapé. Privilegiando a focalizaçom da sua produçom mais social o autor chama a atençom sobre a vida de Rosalía, marginalizada polas condiçoms do seu nascimento, que a levariam a sensibilizar-se e denunciar as injustiças que sofre o seu povo.

Tamém em 1972 a editora madrilenha Alianza publica em ediçom de bolso *Ocho siglos de poesía gallega*, antologia bilingue cuja selecçom e prólogo corre por conta de Carmen Martín Gaité e Andrés Ruíz de Tarazona. É este último antólogo o que se encarrega do século XIX e coloca Rosalía em lugar de privilégio ao dispor de maior número de páginas e composiçoms com grande diferença do resto de autores.

A RAG, por sua vez, e numha linha secundarizante, publicará neste ano em formato livro o discurso lido o 15 de outubro do 1948 por Victoriano Taibo na sua recepçom pública na instituiçom, “Rosalía de Castro, precursora da fala”, respondido por Otero Pedrayo, em que define Rosalía como amor à paisage, à paisanage e à fala, ao mesmo tempo precursora e continuadora.

Na linha da vulgarizaçom e legitimaçom de Galaxia, é modelar da construçom simbólica e de veiculaçom ao seu través de determinados objectivos todo o processo de restauraçom da Casa da Matanza. Como agentes propulsores fundamentais actuam os membros do Patronato Rosalía de Castro que num primeiro momento realizam umha solicitude de dinheiro na imprensa, desde o jornal *La Voz de Galicia* e nas revistas da emigraçom, nomeadamente no enclave bonaerense, empregando como reclamo o de ser a autora emblema da galeguidade que nom conserva, como tem Shakespeare ou Lope, a sua casa convertida em museu. Estes promotores agem dentro do quadro dos dominantes no campo do poder, funcionando nele com evidentes cedências programáticas



e dele obtendo certa legitimidade para as suas propostas, sempre na ampla margem de ambigüidade que açons como esta costumam apresentar nos projectos protossistémicos. Assi, ao acto de abertura da Casa assistem personalidades do campo intelectual ligadas ao Patronato e à Real Academia e representantes dos centros galegos, como tamém do poder estabelecido, tanto do Exército como da Igreja, da política e da universidade. Na seqüência dessa ambigüidade, o presidente do Patronato, Sixto Seco, este profere um discurso, que juntamente com outros textos comemorativos será publicado em *Casa de Rosalía*, publicado neste 1972 pola entidade) em que insiste em identificar a Casa com o “verdadeiro fogar desa comunidade espiritual que se chama Galicia” (VV:AA 1972: 15), desenvolvendo implicitamente o que entende por “comunidade espiritual”, conceito ambivalente, essencialista e folclorista, vinculável a umha posiçom tanto protossistémica como subsistémica. Sixto defende o bilinguismo, praticando-o no discurso, e apoia as diferentes empresas do poder espanhol como a Ley de Educación de 1970, que permitia a introduçom do galego como disciplina no ensino nom universitário. E procura até a aceitaçom da legitimidade da produçom cultural galega apresentando-a como tesouro do património espanhol (evitando assi conotaçons segregadoras da cultura e dos campos de que pode ser referênci na altura, lesivas para esse projecto): “Os lo pido ahora, señores, en nombre de Galicia. Os lo pido ahora señores, en nombre de España. Porque jamás podrá ser totalmente útil nuestra tierra gallega a la comunidad de tierras españolas, en tanto y en cuanto sus hombres no puedan seguir haciendo cierto aquello que dijo el poeta: “Galicia, la tierra madre de la España entera.” (VV.AA. 1972: 16). Esta prática revela umha estratégia consciente, ratificadap or exmeplo por Carlos Baliñas, vicepresidente do Patronato, aludindo em livro comemorativo ao mesmo acto: “Engadíase así ao patrimonio cultural español un tesouro de valor enxebre e histórico intestimable” e “naquel intre histórico de recibila [a casa de Rosalía] restaurada para ben de Galicia e do pratrimonio cultural de España” (Baliñas 1972:5)

Ainda em 1973 o Patronato publica, sob o patrocínio da Caja de Ahorros de Santiago, a escolma Poesías cumha ediçom preparada pola Universidade de Santiago. A “Nota editorial” está ao cargo do professor Carballo, em que especifica, entre outros aspectos da ediçom o tratamento da língua: “a diferencia de outros editores, axeitámonos rigurosamente aos textos rosaliáns, sin pretender melloralos por razóns lingüísticas ou estilísticas” (Castro 1973: 9) mas por outra banda:

Polo que se refire á ortografía, suxeitámonos á académica vixente, tanto polo que afecta ao galego como polo que toca ao castelán. Endebén, razóns de métrica ou de rima obrigáronnos nalgúns casos a refrexar particularidades fonéticas que hoxe non se recollen xeralmente na escrita. Outras veces, esta fidelidade a dialectalismos de pronuncia está motivada polo desexo de conservar o sabor orixinal do tisto no que ten de labio popular. (Castro 1973: 10).

Em 1974 sai *Con Rosalía de Castro no seu fogar*, ediçom bilingue que contém o “Limiar” a umha ediçom de Rosalía feita polo Conselho de Europa, as palabras do director da Casa Rosalía de Castro na jornada da sua abertura,

umha sorte de guía de visita à Casa, umha bibliografía e umha antoloxía da obra en verso. Rosalía es presentada como símbolo del pueblo gallego, “que se sinte figurado nela, como endexamais o fora, inda nos séculos en que tivo unha vizosa e orixinal poesía”. E acrescenta o prologuista Filgueira:

Carballo Calero soupo enxergar os moitivos desa xeira que acadou o cimbro cando o corpo de Rosalía —deica entón non apodrecido— foi levado dende o cemiterio de Adina, que ela cantara, pra o sartego ergueito na eirexa de Santo Domingo de Bonaval, onde recibeu a ofrenda dos galegos espallados polo mundo que ven nela a “naiciña”, a “padroeira da saudade”. Con ela retorna a nai perdida, coma no cantar de Cabanillas; por ela se achega a terra lonxana. “Alma, sô alma, apenas alma en flor” —no verso de Teixeira—, fala a cada galego, de corazón, e fai universal o espírito de Galicia. (Filgueira 1974: 9-10)

Numha plataforma cultural española de prestíxio no meio universitário, Gredos, a galega Marina Mayoral publica em 1974 *La poesía de Rosalía de Castro*, um extenso estudo centrado na poemática, mas tamém atendendo à prosa da autora. Escrito em castelhana recolle a obra nas dúas línguas, assinalando que nom terá sentido um estudo isolado, e, patenteando que para a análise da escritora galega é necessário conhecer as condições históricas e sociológicas da Galiza, assenta o seu estudo na temática e na sua estruturação formal, tentando fugir dum discurso meramente biografista.

Tamém em 1974 umha editora do sistema español, a Editora Nacional, publica a adaptación da tese doutoral de Claude Poullain, da Universidade de Montpellier, o que reforça a projecção extra-protossistémica indicada. A obra pretende reconstruir a trajectória vital e literária de Rosalía, diferenciando etapas em função das suas relações com outros escritores, aborda a temática rosaliana pondo-a em relação com o contexto da sua produção e encerra-se com um estudo de métrica, língua e estilo. Tanto a obra de Mayoral como a de Poullain serán resenhadas na *Grial*, a deste por Carballo em 1975.

Na linha do comentado, numha editora de grande prestíxio no sistema literário español, particularmente vinculada ao meio universitário, a Cátedra, sai em 1974 umha edição de *Cantares Gallegos*, da responsabilidade de Carballo Calero, conhecendo umha segunda edição um ano mais tarde. Carballo Calero completa assi a sua configuração como referente indiscutido para a obra rosaliana, prolongando destarte o sentido das suas anteriores intervenções. Tamém em 74 a Librería Galí, de Santiago, tirará a sua terceira edição de *Follas Novas*.

Ainda em 1975 outra editorial do sistema español, Espasa-Calpe, publica *Obra poética*, prologada por Augusto Cortina, prova da intersistemização da obra rosaliana e, em parte, dumha certa apropriação sistémica. Tamém em 1975, expressamente com motivo do 90 aniversário da morte de Rosalía, sairá *Presencia de Rosalía*, Vigo, que reúne desenhos e textos de diferentes artistas e autores, vinculados muitos a Galaxia e, contando com textos de Cela ou Torrente Ballester, em español. O livro aparece patrocinado polo Banco de Crédito e Inversiones, “que así reafirma tamén nos eidos da cultura a sua divisa de servicio a Galicia”, indica o promotor Patronato

Rosalía de Castro no “Limiar”, o que tamém indica a oportunidade promocional que agentes económicos encontram na promoçom da figura rosaliana nestas balizas.

## Coda

Como todo momento de emergência a característica fundamental do protossistema galego é a instabilidade do sistema, neste caso reforçada pola vigência dum regime político repressivo, e pola existência de deficits a preencher.

Dentro das diversas estratégias de planificação cultural no seio do mesmo entra a reconstrução do passado e a consolidação de símbolos identitários de grupo. É neste ponto em que nos encontramos com duas figuras do XIX, Pardo Bazán e Rosalía.

A primeira vai ter umha presença minoritária, apesar do papel que ocupou no passado. É aceite polo grupo pro-espanholista, que defende a Galiza como região enriquecedora do património cultural espanhol, já que representa a sua estratégia de triunfo no campo do poder estabelecido. Os sectores vinculados ao protossistema terám direrentes

E vai ser rejeitada polos defensores do protossistema, alguns ignorando-a, caso da esquerda nacionalista, outros combatendo a sua ideologia, caso de agentes vinculados ao PC e outros, sem adscrevê-la ao conceito de ‘literatura galega’, apenas a considerando sob o aspecto de crítica literária, caso dos sectores de Galaxia.

A figura de Rosalía é, para todos, um símbolo já incontornável. Isso, em virtude da construção simbólica essencialista da Galiza que dela se tem fabricado e, igualmente, e em relação com essa abstração, polo impulso que novas condições sócio-políticas, também atinentes aos dominantes no campo do poder, determinam ‘ao vernáculo’ em que Rosalía ocupa o cimo do cânone galego e da sua projecção simbólica

A proposta culturalista de Galaxia vai através da sua figura reforçar a imagem da língua galega e os seus produtos como universais potenciando a elaboração dum aparelho crítico arredor da sua figura no que a autora dialogue com elementos canonizados de sistemas consolidados.

Os sectores da esquerda recolhem de Rosalía a sua poesia mais social, mas aprovietando igualmente o seu bilinguismo como estratégias para achegar-se ao povo proletário e para pô-lo em diálogo com as outras áreas do território espanhol.

A esquerda nacionalista vai empregar tanto a autora-social como universal para reforçar o conceito de Rosalía-nai da pátria para elevá-la a símbolo nacional e identitário e confronta-la com os símbolos do colonizador. O seu bilinguismo vai ser neste sentido rejeitado por considerá-lo fruto dumha opressom.

O grupo regionalista vai recuperar à Rosalía máis enxebre, existencial e paisagística tanto em galego como em castelhano, e à par de Pardo Bazán, para apresentar umhas especificidades dentro do sistema espanhol mas sem afám impugnador destem, mas reforçador.

### **Bibliografía citada**

- ALONSO MONTERO, Xesús. *Rosalía de Castro*. Madrid: Júcar, 1972.
- BARRO, María Teresa. “As novelas de Rosalía de Castro”. *Grial* 37, Vigo (1972): 328-330.
- CARBALLO CALERO, R. *Historia de literatura galega*. Vigo: Ed. Galaxia, 1975.
- *Lembranzas de D. Valentín Lamas Carvajal* no Día das Letras Galegas. Santiago: Universidade de Santiago, 1972.
- *Sobre lingua e literatura galega*. Vigo: Ed. Galaxia, 1971 .
- CASTRO, R. *Antoloxía*. Barcelona: Salvat Editores e Alianza Editoria, 1971.
- *Cantares Gallegos*. Vigo: Ed. Galaxia, 1970.
- *Contos do pobo*: Vigo: Ed. Castrelos, 1970.
- *Follas Novas*. Vigo: Ed. Castrelos, 1971.
- *Poesías*. Santiago: Ed. Patronato Rosalía de Castro, 1973.
- *Follas novas*. Vigo: Ed. Castrelos, 1972. [3ª ed. Pombal].
- *Cantares gallegos*. Edición de Ricardo Carballo Calero. Madrid: Cátedra, 1974.
- *Cantares gallegos*. Santiago de Compostela: Galí, imp., 1974. [3ª ed.]
- CORDEIRO RUA, G. e M. F. RODRÍGUEZ PRADO. “Sistema literario galego e mundo lusófono nos primeiros setenta: Portugal para quê?”. *Actas do VII Congreso da Associação Internacional de Lusitanistas, 2002*. Providence: Brown University, 2005. CD-Rom-AIL.
- CURROS ENRÍQUEZ, M. *O Divino Sainete*. A Coruña: Imprenta Moret, 1969.
- FERREIRO ALEMPARTE, J. “Vinculación literaria de dos escritores gallegos en castellano: Doña Emilia Pardo Bazán y Don Ramón del Valle-Inclán”. *Grial* 24, Vigo (1971): 410-429.
- FILGUEIRA VALVERDE, X. *Con Rosalía de Castro no seu fogar*. Vigo: Patronato Rosalía de Castro, 1974.
- FUENTES, V. “La aparición del proletariado en la novelística española: sobre “La tribuna” de Emilia Pardo Bazán”. *Grial* 31, Vigo (1971): 90-94.
- LAMAS CARVAJAL, V. “Valentín Lamas Carvajal”. *Escolma de poesías*. Ed. Ricardo Carballo Calero. A Coruña: RAG, 1972.
- FERNÁNDEZ TEIXEIRO, Manuel María. “Poema a Rosalía en Cinco Tempos”. *Unidad Gallega*. New York (1971).
- MAYORAL, M. *La poesía de Rosalía de Castro*. Madrid: Gredos, 1974.
- POULLAIN, C. H. *Rosalía Castro de Murguía*. Madrid: Ed. Nacional, 1974.
- RODRÍGUEZ, F. “Carácter da literatura galega: o exemplo da obra rosaliá”. *Grial* 30. Vigo (1971): 455-462.
- TAIBO GARCÍA, V. *Rosalía de Castro, precursora da fala*. Vigo: Artes Gráficas Galicia, 1972.
- TORRES FEIJÓ, E. J. “Norma lingüística e intersistema cultural: o caso galego”. *Actas do Congreso Internacional de Historia y Cultura en la Frontera – I Encuentro de Lusitanistas Españoles*. Cáceres: Universidad de Extremadura, 2000.
- TORRES FEIJÓ, E. J. “O estudo do mundo lusófono no sistema literario galego: bases metodolóxicas para o estudo dos sistemas emergentes e

as suas relacións intersistémicas”. *Actas do VII Congreso da Asociación Internacional de Lusitanistas, 2002*. Providence: Brown University, 2005. CD-Rom-AIL.

VV. AA. *Casa de Rosalía. Pasado e presente*. Padrón: Patronato Rosalía de Castro, 1972.

Loureiro Rodríguez, Cristina. “Rosalía de Castro e Emilia Pardo Bazán no campo galeguista na Galliza dos primeiros setenta”. *Actas do VII Congreso Internacional de Estudos Galegos. Mulleres en Galicia. Galicia e os outros pobos da Península. Barcelona 28 ó 31 de maio de 2003*. Ed. de Helena González e M. Xesús Lama. Sada: Edicións do Castro / Asociación Internacional de Estudos Galegos (AIEG) / Filoloxía Galega (Universitat de Barcelona), 2007. ISBN: 978-84-8485-266-7. Depósito Legal: C-27912007.



